

PAULO FREIRE E O CORPO CONSCIENTE

Daniel de Aguiar **Pereira**¹ – UNINOVE

Monica de Ávila **Todaro**² – UNINOVE

Resumo

Paulo Freire se empenhou, ao longo de sua vida e obras, em acentuar os princípios e a fundamentação de uma educação libertadora na qual a conscientização é explicitamente assumida como finalidade. O presente artigo tem objetivo de apresentar a categoria *corpo consciente* em Freire, a fim de contribuir para o debate no campo da educação em torno da importância de compreender que o homem é uma existência corporal e como tal não aprende e nem se conscientiza apenas com a mente. Acredita-se que na constituição de um modelo de educação como uma prática transformadora, homem e mundo, corpo e mente só podem ser vistos em sua unidade dialética. Para tanto, analisa-se a obra *Extensão ou comunicação?* escrita em 1969. Os resultados do estudo da referida obra nos levaram a compreender a educação como uma situação gnosiológica, que, ao defender o caráter histórico-cultural do homem e do mundo diz respeito ao aprofundamento da tomada de consciência de si e do mundo em busca de uma ação transformadora.

Palavras-chave: Educação libertadora; corpo consciente; coisificação.

¹ Doutorando em Educação (2014) e mestre em educação pela Universidade Nove de Julho (2010) – UNINOVE, Psicopedagogo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Pedagogo pela Universidade de Santo Amaro/UNISA. Possui extensões em: Lúdico e Brinquedoteca. Está professor da Universidade Nove de Julho /UNINOVE dos cursos de graduação e pós-graduação em educação. E-mail: danielpaguiar@hotmail.com

² Professora Orientadora. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2008), mestre em Gerontologia pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2001) Possui graduação em Pedagogia (1997). Está docente do curso de Pedagogia da UNINOVE (SP) e professora do Programa de Pós Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da UNINOVE (SP), na linha de pesquisa Educação Popular e Culturas. Pesquisa nas áreas de Educação e Gerontologia, com ênfase nos seguintes temas: Educação de Jovens e Adultos (EJA); Idosos; Corpo; Projetos de leitura e Prática educativa. É líder do grupo de pesquisa PEDAGOGIA DO CORPO (Cnpq). E-mail: mavilatodaro@uninove.br

PAULO FREIRE E O CORPO CONSCIENTE

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de apresentar a concepção de “corpo consciente” presente na obra *Extensão ou Comunicação?*, publicada pelo *Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agrária* (Santiago/Chile), em 1969 e escrita pelo educador brasileiro Paulo Freire.

A obra em questão apresenta uma crítica à extensão agrícola para a América Latina, apontando os problemas de comunicação entre extensionistas e camponeses.

Localizar o leitor no tempo e no espaço faz-se necessário para que haja uma compreensão das condições em que o conceito de consciência foi empregado, sem perder de vista que seu significado pode estar para além da razão (mente), como marca impressa no corpo, ou ainda como o próprio corpo, já que a existência do homem é corporal.

Ao discutir as inter-relações e o ato educativo entre o homem urbano (técnico agrônomo) e homem do campo (camponês), Freire deixa clara a sua compreensão de educação, entendida em sua perspectiva de humanizar o homem na ação consciente que ele deve fazer para transformar o mundo (CHONCHOL, 1969). Estudá-lo hoje é questionar se ao em vez de libertar o homem, a educação escraviza-o, manipula-o, domina-o, o reduz a coisa – o coisifica e nega seu corpo.

Para atingir o objetivo proposto, o texto encontra-se organizado em duas seções: i) *Extensão ou Comunicação?: dialogicidade* e ii) *Educação como situação gnosiológica e o corpo consciente*.

Por fim, tecemos algumas considerações, nas quais defendemos a ideia de que a consciência é consciência de corpo: o corpo e a consciência, juntos, como corpo consciente, constituem-se dialeticamente num mesmo movimento – numa mesma história. O aprofundamento desta reflexão nos leva a compreender que “corpo consciente é a consciência intencionada ao mundo” (FREIRE, 1969, p.51).

Extensão ou Comunicação?: dialogicidade

Em meados do século XX, os movimentos populares, alimentados pelos ideários Freireanos de educação, estavam com a atenção voltada para a educação de adultos e para a educação no campo. Paulo Freire e um grupo de educadores comprometidos com educação popular e mudança social sistematizaram uma concepção de educação, com vistas a dar outra intencionalidade a práticas educativas como a extensão e a alfabetização (GADOTTI & ROMÃO, 2005).

A característica antidialógica do termo extensão não permite ao sujeito ser mais e faz dele um depósito que recebe mecanicamente aquilo que o homem superior acha que o homem inferior deve aceitar para estar civilizado. Há então uma invasão cultural que imbeciliza a condição do sujeito, negando-lhe o direito de acesso ao conhecimento mediatizado, à cultura em sua plenitude e à conscientização. Se a educação torna o homem uma máquina, força de trabalho, coisa, objeto, produto descartável, então precariza a condição do sujeito e de seu possível corpo consciente.

Comunicar-se é ser dialógico³ é vivenciar o diálogo, por isso a investigação dos temas geradores como fonte de prática educativa. Compartilhar saberes populares na sala de aula, para a promoção de uma educação que para além de letras e números, para Freire, gera consciência (ou *corpo consciente*), libertação e emancipação.

Se alfabetizar-se é conscientizar-se, então alfabetização, nesse sentido, é ler-se, escrever-se, existenciar-se e historicizar-se, a partir da relação eu no mundo, eu com o mundo, adotando para a abordagem toda a amplitude humana da “educação como prática da liberdade”. Prática que ganha novo significado ao converter-se em instrumento para a busca pela interpretação dos conteúdos ideológicos mascarados nas palavras, discursos e corpos dos opressores (extensionistas) e oprimidos (camponeses). Quando a alfabetização torna-se o ato educativo em si, promove a emancipação humana – uma consciência de mundo e de corpo – um *corpo consciente*. Uma abordagem que se caracteriza pela busca da interação entre homem e mundo, sendo o sujeito protagonista, elaborador e criador, de seus conhecimentos (GADOTTI & ROMÃO, 2005).

³ O dialogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciar-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. O dialogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto, o dialogo é uma exigência existencial (FREIRE, 1987, p. 91).

O sujeito vai assumindo paulatinamente, uma consciência de testemunha de uma história que se percebe ator e autor. E na medida em que toma essa consciência se faz e refaz reflexivamente mais responsável pela história. Assim, este processo é desenvolvido intencionando a superação da relação tradicional de educação, a relação entre opressores e oprimidos, já que não há verticalidade na relação, embora o professor se reconheça mediador do processo de aquisição de conhecimento (FREIRE, 1969). A dialogicidade e a problematização dos conteúdos escolares e sua relação com o mundo fazem parte de uma educação humanista-libertadora.

Freire critica o enrijecimento das compreensões subjetivistas e objetivistas acerca das inter-relações homem e mundo, pelo fato de polarizarem o que só pode ser entendido em sua plenitude, em sua unidade dialética. Além disso, aponta-nos caminhos para uma educação que recupera a identidade histórico-cultural do homem e do mundo, reconhecendo-os como inacabados, incompletos e inconclusos, como sujeitos atores de uma ação transformadora.

Embora as primeiras experiências de uma educação dialógica tenham ocorrido em meados dos anos de 1960, esta discussão nos parece importante e contemporânea quando pensamos no corpo oprimido, invadido e manipulado por uma educação bancária. Pensamento que faz sentido no contexto educacional brasileiro que, no século XXI, insiste na dicotomia corpo-mente.

Educação como situação gnosiológica e o corpo consciente

Educação como situação gnosiológica⁴ sugere um processo contínuo e constante de libertação do homem. Freire afirma que o ato cognoscente⁵ do sujeito (educador-educando) sobre o objeto cognoscível não padece, ou nele se consome, pois, dialogicamente, interpenetram-se outros sujeitos cognoscentes, de tal modo que o objeto cognoscível se faz mediador da cognoscitividade dos envolvidos no processo. (1987, p. 146).

A intersubjetividade (ou a intercomunicação) torna-se, deste modo, característica fundante na educação como situação gnosiológica. Daí que não possa ficar reduzida à

⁴ Uma situação que, ao recuperar o caráter histórico-cultural do homem e do mundo, percebendo-os como inacabados e em construção, possibilita que a educação se expresse “como prática da liberdade” e como ação transformadora (FREIRE, 1969).

⁵ Processo de auto-percepção do sujeito no mundo em que se encontra. Na verdade, um aperceber-se como alguém que persegue sentidos de uma vida humana mais plena, como alguém que está em busca da realização de sua vocação de “Ser Mais” (FREIRE, 1983, p. 35).

simples relação do sujeito cognoscente com o objeto cognoscível. Uma vez que sem a relação comunicativa entre os sujeitos cognoscentes em tangente ao objeto cognoscível desapareceria o ato cognoscitivo – a tomada de consciência (FREIRE, 1969, p. 45).

Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de suas representações – marcas também expressas no corpo – acerca do mundo (FREIRE, 1969, p. 45). O ato de pensar envolve, portanto, o corpo inteiro e não apenas a mente, visto que a condição humana é corporal.

Reconhecer a educação como uma situação gnosiológica, nas palavras de Vieira Pinto (2000), implica em um existir que é na verdade a forma exterior e materializada em atos, que assume propriedade fundamental da consciência: a sua intencionalidade. Já que o próprio da consciência é estar com o mundo e este procedimento é permanente e irrecusável. Portanto, “a consciência é em sua essência um ‘caminho para’ algo que não é ela, que está fora dela, que a circunda e que ela apreende por sua capacidade ideativa” (PINTO, 2000).

Nesta compreensão, de um existir consciente e de uma consciência existenciada, a consciência do mundo e a consciência de si maturam juntas e em causa direta; uma é o cerne da outra. A relação entre ser mais e fazer o mundo mais humano, torna o homem mais humano, o corpo mais consciente de si e conscientiza-se de seu corpo no mundo. Corpo consciente que o homem assume ao comportar-se frente ao meio que o envolve, transformando-o em mundo humano e humanizando-se em meio ao mundo. Assim,

O homem é um corpo consciente. Sua consciência, “intencionada” ao mundo, é sempre consciência de em permanente despego até a realidade. Daí que seja próprio do homem estar em constantes relações com o mundo. Relações que a subjetividade, toma corpo na objetividade, constitui, com esta, uma unidade dialética, onde se gera um conhecer solidário com o agir e vice-versa. Por isto mesmo é que as explicações unilateralmente subjetivistas e objetivista, que rompem esta dialetização, dicotomizando o indicotomizável, não são capazes de compreendê-lo (FREIRE, 1969, p. 51).

Portanto, não se chega à conscientização por uma via psicologista, idealista ou subjetivista, pois o corpo consciente não se dá nos homens isolados, mas enquanto

travam entre si e o mundo relações de transformação, assim também somente desta forma pode a conscientização instaurar-se e corporificar-se (FREIRE, 1969, p.56).

Considerações finais

Conhecer, estudar e analisar o pensamento de Paulo Freire na obra *Extensão ou Comunicação?*, é uma tarefa importante para pesquisadores que compreendem os homens como seres das inter-relações, da práxis.

Freire concebe uma educação que oportuniza ao homem re-criar-se, re-descobrir-se, re-fazer-se, na medida em que vai se desvelando, manifestando e configurando como corpo consciente.

Ao ampliar o entendimento do conceito de conscientização não se pode aceitar a consciência como algo localizado, como se fosse uma parte dos homens, cirurgicamente fragmentada; uma consciência-mente colonizada a receber incessantemente os depósitos que os “impérios” lhe fazem, e que se vão transformando em seus conteúdos, mas sim como corpo consciente das inter-transformações, das intra-transformações e das trans-transformações.

Nós, “estares” humanos, habitamos o mundo, no mundo, com o mundo e com os outros, como seres concretamente situados e num processo de mútua construção e reconstrução, ou seja, consciências intencionadas de nossa práxis, de nossa existência vivenciada, de nossa corporeidade.

Como seres de práxis refazemo-nos com base em disposições a que nos propomos, criando novas realidades, produzindo ineditismos, transformando o nosso entorno e nos transformando – tomando consciência de nosso corpo e estando “corpo consciente”. Aprende-se com Freire que homens simples decifram-se a si mesmos como homens e leem em seus corpos e nos corpos dos outros sua e vossa humanidade, à medida que se percebem mais conscientes de suas disposições. Pode-se dizer, portanto, que a escolha do tema surgiu de nós mesmos, de nossas vidas e das marcas da escolarização em nossos corpos, nem sempre, conscientes. Hoje, enquanto pesquisadores em construção, defendemos a concepção de *corpo consciente* como categoria essencial para a educação como uma situação gnosiológica feita por seres abertos a indagações que pensam com o corpo inteiro.

Referências Bibliográficas

CHONCHOL, Jacques. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 18.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Extensão ou Comunicação?.** 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 12.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir.; ROMÃO, José Eustáquio. E.(Org.). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta.** 7.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre a educação de adultos.** 11.ed. São Paulo: Cortez, 2000.